

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
ANO V—Número 1.557
Sábado, 22 de Dezembro de 1923
PREÇO — 20 CENTAVOS

O parlamento está discutindo a lei do inquilinato. Há quem pretenda favorecer os carrascos dos senhorios. Inquilinos, cuidado!

O INQUILINATO

De afogadilho, com a pressa de quem pretende praticar um crime, o Senado está discutindo e emendando a lei do inquilinato a seu belo prazer. O homem mais activo na discussão é o sr. Querubim Guimarães, monárquico, irmão espiritual do sr. Carvalho da Silva, que defende com ardor os interesses dos senhorios.

Os inquilinos de todo o país, cuja situação está em jogo devem erguer-se como um só homem para impedir que, no parlamento, onde uns cavalheiros pouco escrupulosos armam em defensores do povo, defendendo os grandes e os poderosos, se acumule mais um crime sobre os hediondos crimes que contra o povo se tem perpetrado.

Não se concebe que os inquilinos que tem sustentado contra os seus carrascos — os senhorios — uma luta de vida ou de morte, se deixem ficar adormecidos perante os maneios que os representantes dos senhorios estão fazendo no sentido de legalizar abusos e abrir algarbes nas leis por onde os já resumidos direitos dos inquilinos desapareceram por completo.

Não pode ser permitido aos senhorios, nem mais um aumento de renda. Hoje não se ganha se não para pagar a renda da casa!

Não pode ser permitido ao senhorio expulsar os moradores, seja sob que pretexto for. Hoje corre-se o risco constante, de um momento, para o outro, habitar em plena rua!

O governo e o parlamento recusam-se sistematicamente a encerrar a sério o problema do inquilinato. Recusam-se a tomar, pelo menos, três medidas que urgentemente se impõem:

1.º—Não permitir aumentos de renda.

2.º—Mandar construir alguns milhares de casas, que determinem a abundância de habitações, o que traria, pela concorrência, a baixa nas rendas.

3.º—Sustar todos os mandatos de despejo até que essas casas estivessem construídas.

Estas seriam as únicas medidas que poderiam inspirar confiança aos inquilinos e conduzir-nos a uma situação relativamente desafiada.

O resto, o que o parlamento está fazendo agora, constitui um verdadeiro crime, porque pretende com uns remendos capciosos, deitar por terra os olhos dos inquilinos e dar margem aos senhorios para se tornarem mais odiados, mais carrascos, mais desumanos e mais criminosos do que tem sido até aqui.

JUSTIÇA INJUSTA...

O tribunal criminal de Setúbal é um feudo dos industriais de conservas

Antes de entrarmos em considerações sobre o procedimento do júri ou dos jurados de Setúbal, que já há anos vem fazendo uma política vergonhosa, adentro do tribunal desta cidade, desejamos primeiro que tudo, dizer que não somos partidários das penalidades impostas pelas leis actuais dos delinquentes de qualquer espécie.

A multa imposta ao cidadão por qualquer disposição de lei, nunca remediou um mal, visto que a transgressão ou infracção é sempre originada pelas consequências do meio, que nunca deixa de ser o que é, pelo facto da severidade das leis.

De igual modo, não concordamos com as condenações a prisão, ainda mesmo quando aplicadas aos mais terríveis criminosos. A cadeia não regenera porque não educa, não instrui, não facilita ao homem com melhoria alguma uma vida diferente daquela que existe fora das suas grades; antes perverte, atrofia e enlameia ou embrutece totalmente os cérebros dos seus desgraçados frequentadores porque aí não há o amor, a instrução, a educação, o trabalho e a liberdade, só pode medir a maldade, filha do brutal regime prisional.

O homem reputado vivo nas infames prisões, deixou o ser humano (que em liberdade o foram) à entrada da pesada porta da prisão, e passou a ser o miserável farrapo humano, a miséria esfregada-lhe o espírito e inutilisada-lhe o físico.

A sociedade não tem o direito de coartar a liberdade de quem for, porque só há duas espécies de crimes: os crimes cometidos em face do meio, ou crime originado por parte do próprio criminoso.

No primeiro caso cumpre aos homens destruir o meio que origina os crimes; no segundo caso cumpre à ciência tratar com carinho os doentes até tornarem-se aptos para a vida.

A cadeia é sem dúvida, a maior crime da civilização actual, razão pela qual, desejamos a sua destruição, como desejamos a destruição da organização social existente, para dar lugar a um verdadeiro sistema de organização que coloque os seres humanos em igualdade económica. Não pensam assim os defensores do existente, que constantemente nos falam em legalidade, isto é, no respeito pelas suas leis, perante as quais todos os cidadãos são iguais — dizem eles.

Pois vamos dar aos nossos leitores uma pequena amostra do que é a justiça e de quanto valem as leis neste famélico país.

Em fins de Julho, do corrente ano, foi vítima de um atentado o operário Augusto Veloso, então presidente da Associação dos Trabalhadores das Fábricas de Conservas, caso que a Batalha noticiou.

O atentado, foi levado a cabo por dois degenerados da pior espécie, Francisco Prazeres e António Inácio Casais. Este último deve a sua liberdade à organização operária, pois que em 1918, os industriais de Setúbal, quiseram atirar para Lisboa, como desordeiro perigoso, custando então rios de dinheiro à organização de Setúbal, o por em liberdade o que hoje é seu terrível inimigo.

Pouco depois de se encontrar em liberdade foi-lhe dado o lugar de encarregado de uma fábrica, bem como ao seu irmão em instituto, Prazeres.

Daí em diante os dois deixaram de ser, para os industriais, os terríveis criminosos, e passaram a ser os amigos íntimos, os fiéis servidores, provocando com as suas basbaldas os operários que trabalhavam sob as suas ordens e os elementos da organização.

Um dia encontrando numa barraca da feira de Setúbal, os dois elementos dos trabalhadores, Veloso e José Alves, provocaram os resoluando uma troca de socos e bengaladas ficando o José Alves com um grave ferimento na cabeça.

Como não fossem satisfeitos os agressores, resolveram levar mais longe a sua vingança. Foram procurar o Augusto Veloso nessa mesma noite, e encontrando-o junto da casa onde costumava comer, quando se encontrava conversando com um grupo de amigos, o tal Prazeres aproximou-se pela retaguarda e quasi à queima roupa, disparou-lhe um tiro na cabeça que só por um feliz acaso o não vitimou, pois a bala entrou-lhe próximo da orelha esquerda e saiu pelo lado direito do pescoço.

Oito operários viram bem como o caso se passou e prestaram-se a ser testemunhas, o que o Augusto Veloso aceitou, porque os trabalhadores refinando pouco depois em assembleia geral, para apreciar o caso, resolveram custear as despesas com o processo e recorrerem aos meios legais, para verem como nesta terra, na terceira cidade do país, era feita a justiça burguesa.

O julgamento realizou-se no dia 14 do corrente mês, sendo advogado do queixoso o dr. Mário Monteiro e advogado da defesa o dr. Vilhena, de Setúbal. Depuseram oito testemunhas de acusação, todas elas por memorias do caso, algumas imitando o gesto do homicida.

Pois apesar de tudo o júri, constituído por industriais, deu o crime como não provado e os reus foram absolvidos!

E agora, senhores industriais quem arma o braço de assassinos?

O país há de saber o que foi este julgamento e o que tem sido o tribunal de Setúbal, há uns tempos para cá. O país há de saber de que lado estão os assassinos.

J. M. MAJOR

O Alganistão em foco

Um ultimatum da Inglaterra

BERLIM, 21.—O ultimatum inglês ao Alganistão causou muita sensação em Moscova. O ultimatum exige a submissão completa do Alganistão às exigências inglesas e a ruptura das relações com a Rússia.

As alegações dos afgãos

LONDRES, 21.—O conflito com o Alganistão preocupa as estações oficiais. A Inglaterra exige severa punição dos assassinos dos britânicos. Os afgãos por seu lado queixam-se de que os aviões britânicos tem bombardeado o seu território.

A situação da Alemanha

MUNICH, 21.—Os populares sublevaram uma moção pedindo a dissolução da Dieta. Os socialistas nacionais listos apoiaram aquela moção sob condição de se suprimir a lei marcando-se de reduzir o número de deputados. A Dieta aprovou a resolução.

O julgamento de Germana Berton

A acusada, com uma coragem moral digna de registo, reivindicava para si toda a responsabilidade dos seus actos

PARIS, 19.—Filha dum mecânico e dum professor Germana Berton nasceu em Puteaux, em 7 de Junho de 1902.

Em 1919, em Tours, perdeu seu pai pouco tempo depois principiou a militância no campo anarquista, entre os libertários de Tours, primeiro, e depois, a partir de 1921, entre os de Paris.

Os conservadores inventaram-lhe numerosas prisões vergonhosas. As prisões que sofreu nem são numerosas nem vergonhosas: três meses de cadeia por ultrajes e violências contra a autoridade, quinze dias por porte de arma proibida. Quantos revolucionários têm sido presos por idênticos motivos, sem que a sua honra seja atingida, bem pelo contrário!

Em fins de 1922, quando a Action Française desenvolvia aquela campanha formidável que visava o odioso objectivo de lançar os franceses e os alemães numa nova guerra, Germana Berton, sabendo que Leon Daudet era o principal responsável por essa campanha de chacinha, pensou em liquidá-lo.

Daudet e Maurras eram quem ela julgava os maiores inimigos do proletariado e responsáveis pela morte de Jean Jaurès.

A desastrosa ocupação do Ruhr, verdadeiro atentado contra a liberdade dos povos, considerava-a, e com razão, resultado da influência perniciososa dos homens da Action Française.

Em 20 de Janeiro ela lançou-se na perseguição de Leon Daudet. Procurou-o na redacção da Action Française, onde é recebida pelo sr. Allard, cunhado e secretário de Daudet, que desconfia dela. Depois de, ao que parece, ter avisado o comissário da polícia, Allard recebeu-o na companhia de Mário Plateau, secretário geral da Liga.

Foi no decurso desta entrevista que ela solicitou sob o pretexto de fazer grandes revelações acerca dos anarquistas, que Germana soube da importância de Plateau e sua alta missão na organização reaccionária.

Dois dias depois, em 22 de Janeiro, Germana Berton posta logo de manhã à porta da igreja de Saint-Germain-Auxerrois, onde se celebrava uma missa pela alma de Luis XVI. L. Daudet não chegava. Quanto a Maurras, teve a sorte de estar rodeado de muita gente.

Pelas 13 e meia horas, pistola na mão, Germana dirigiu-se à Action Française, onde procurou Mário Plateau.

A meio da entrevista, este dirige-se à sala contígua, onde esteve conversando

e rindo com o tesoureiro da Liga, e volta a atender Germana.

De súbito, pelas 15 horas, ouvem-se detonações. Cambaleante, Plateau abre a porta do seu gabinete, gritando: «Tinha três que lhe haviam atingido o pulmão esquerdo, o coração, o estômago e o fígado. Morreu pouco depois».

Germana Berton havia voltado a arma contra o seu esquerdo, disparando. Não queria entregar-se viva à justiça burguesa, que considerava incapaz de julgar o seu acto.

Mas o ferimento, tratado no hospital Beaujon, não teve gravidade. E Germana reivindicou para si toda a responsabilidade do seu acto.

Principia o julgamento

Pela 1 hora, antes de o júri prestar o juramento tradicional, aparece Germana Berton, jovem, firme, o olhar seguro, vestida com uma blusa cinzenta, de gola branca, uma fita verde nos seus curtos cabelos castanhos.

Mostrou uma grande coragem: seca, desdenhosa, contendo a sua emoção, respondendo com simplicidade. Ela está sôbria contra um mundo hostil que despreza e a quem não dá o prazer da sua fraqueza.

Procede-se à chamada das testemunhas (Leon Daudet brilha pela ausência).

O interrogatório

O presidente procede ao interrogatório da acusada. Ele rebusca no seu passado, na formação do seu espírito, mete pormenores da sua invenção e diz que parece que sua mãe apreciava com severidade o seu carácter e o seu espírito.

Ela responde com simplicidade, dizendo que sua mãe não se comportava muito maternalmente para consigo; a sua infância não teve carinhos, a sua mocidade foi solitária.

Descreve então a sua acção como anarquista, menciona as prisões já citadas.

Acusam-na de ser preguiçosa e responde que sempre trabalhou e procurou trabalho. Refuta com energia a acusação de desonestidade.

O presidente estranha que sendo ela uma anarquista militante, tivesse pedido socorros às irmãs de caridade e senhoras protestantes. Ela responde que apenas as procurou para pedir trabalho.

Os motivos do atentado

Interrogam-na sobre os seus actos durante os dias 20 e 22 de Janeiro.

«Eu sabia—diz Germana—que os traidores são recebidos de braços abertos na Action Française e fingi-me traída».

Devido a uma intervenção do dr. Torres, o presidente deu a palavra à acusada para explicar as suas intenções e reconstituir o drama sem ser interrompida.

Germana Berton viu nos «camelots» e nos seus chefes os grandes responsáveis da «debacle» do país. Ela relembra as delações, as calúnias, as falsas patrióticas, as provocações e as vítimas que eles fizeram. Lembra as suas campanhas contra a anistia, contra Marly; estava convencida que, devido à influência dessas campanhas, o militarismo renasceria e a guerra voltaria. A guerra! Ainda criança já os seus horrores a impressionavam, teve a visão das misérias do soldado e a deformação moral dos chefes. Toda a sua revolta, todo o seu ódio, que datam de então, acumularam-se sobre Daudet, responsável e símbolo.

Relata a sua perseguição a Daudet, conforme já referimos.

Quando terminou o seu relato Germana Berton perdeu os sentidos.

DUBOIS

A MORAL BURGUEZA



— Quem tem um palminho de cara como tu, não pede esmola...

Dos livros e dos autores

TRÊS LIVROS DE AMÉRICO DURÃO, estudo crítico por Mendes de Brito — A BLAQUE DE TEATRO, por Augusto Claro — UMA CONFERÊNCIA, por Gonçalves Correia

Mendes de Brito, prosador requintado, dum raro elegância mental que poucos conhecem, e que já nas suas plaquetas «Lyra de Cybele» e «Tríplice» se revela estilista invulgar, com aquela agudeza crítica que, em geral se observa nos literatos que—como ele—também são médicos, acaba de publicar um trabalho crítico que intitulou «Três livros de Américo Durão», onde estuda a obra deste poeta.

Trabalho incompleto, todavia é dos melhores publicados sobre o referido poeta e até, como processo, dos mais interessantes estudos críticos vindos a lume sobre gente contemporânea, representando elemento de valia já numa época em que a crítica literária e artística—mas crítica a valer—tanto se faz desviar como acção orientadora.

Depois de estudar a iniciação hesitante do poeta, com o livro «Penumbras», e de marcar a ascensão vitoriosa que representam os livros «Vital da minha Dor» e «Tântalo», o autor analisa a emotividade, a expressão original e influências pessimistas de Antero, Nobre e Duro, concluindo por afirmar que quando Américo Durão fizer a definitiva selecção dos seus versos, ficará a elite dos artistas com mais um livro e a terra portuguesa com mais um santo.

Quanto às altas qualidades do artista, do altíssimo poeta que é Américo Durão, mesmo até antes da selecção a fazer, estão absolutamente de acordo, e eu fui um dos que primeiro o saudou após a publicação do «Tântalo».

Quanto a santidade, não a diviso, apesar do misticismo da obra, e supponho que o poeta a tal não aspira. Mesmo nos tempos correntes, para a solução dos problemas, materiais ou espirituais, carecemos mais de humanidade do que de santidade.

Daí que o estudo era incompleto porque Mendes de Brito se não referiu a um outro livro do poeta—«Poema de Humildade»—que é uma maravilha de ênfase e simplicidade e até de psicologismo.

No resto o trabalho de Mendes de Brito, quer o esmero do labor do estilista ou nas cuidadas observações do crítico, é um subsídio valiosíssimo enriquecido com uma cultura notável.

A Blaque de Teatro é um pequeno livro constituído por pensamentos e frases que Augusto Claro escreveu acerca de escultura, pintura, música,

EM BOURGES

O Congresso da C. G. T. Unitária

Bartigue e Cazals atacam as comissões sindicais do Partido Comunista

9.ª sessão. Bartigue afirma que apesar das calúnias e das injúrias os G. S. R. não fazem o jogo de Frossard nem se manifestam de acordo com a moção da construção civil. Não pretendem libertar a classe operária arrastando-a equivocadamente. Foram para a I. S. V. sabendo para onde iam. Os G. S. R. sabiam que Zinoviev lhes atribuiu «preconceitos» sabiam que uma central nacional não pode pretender impor a sua opinião à Internacional; sabiam também que uma política de isolamento não conduziria à unidade internacional e o desejo da A. I. T. e esse respeito e confirma esta opinião. E, depois, a I. S. V. é um ponto a revolução russa, que deve ser defendida em bloco. Queremos defender a revolução russa mas não como aduladores, antes analisando os seus erros reconhecendo que ela ficará sempre com um fardo potente iluminando a estrada da libertação do proletariado.

Quando nos a usavam como inimigos da revolução russa pretendiam obter delegações a custa de falsidades.

O orador aborda a seguir o problema da autonomia sindical. Diante dum partido, declara, nos reivindicamos a autonomia do sindicalismo. Foi um dos autores da moção de Saint-Etienne e reconheço agora a amplitude do meu erro. Cadeu-lhe-me avisado que a moção permitia todas as infracções. Mas em pensei que os textos valem pelos homens encarregados de as aplicar e tinha confiança nesses homens. Eles eram sinceros e foi isso que me levou a aceitar a moção.

A Comissão Executiva era unânime em defender a autonomia sindical e tinha adoptado a moção Bisch contra a subordinação. Depois disso dois factos se passaram. Houve o IV congresso confirmando as teses de subordinação que o partido comunista ainda não tinha aceite; houve a viagem a Moscova da fracção Monmousseau que regressou persuadida da superioridade do valor revolucionário do partido comunista sobre o do sindicalismo. A maioria meteu no bolso a moção de Saint-

Etienne. Dissemos à maioria: «As comissões sindicais vão assassinar a C. G. T. U. Importa apresentar este perigo aos sindicados. Se não se estabelecer uma defesa contra as comissões sindicais outras seitas terão o direito de formar organismos de penetração no sindicalismo, e a unidade seria ameaçada».

O sindicalismo adquire a sua própria experiência na luta cotidiana, dispensando que venha em seu auxílio uma ciência livreira exterior. A condição essencial do seu desenvolvimento é a liberdade do indivíduo no sindicato sem fiscalização exterior. O sindicalismo será poderoso quando se tornar completamente independente de todos os partidos.

Cazals declara-se convencido de que, do seu ponto de vista não triunfará, mas apesar disso não deixará de expô-lo.

Durante quatro meses manteve-se em silêncio aguardando o congresso de Bourges para estabelecer com imparcialidade a gênese do desacordo que o separava de dois secretários confederais. Nesse desacordo não influíram o tempo, nem pouco conciliador de Monmousseau, nem o receio das responsabilidades.

A moção de Saint-Etienne atribuiu ao sindicalismo um valor revolucionário e autorizava acordos momentâneos com agrupamentos políticos no seio dos comités de acção. Nela se declarava, também, que o sindicalismo só se podia desenvolver, conservando nacional e internacionalmente a sua independência.

Todos estavam de acordo nesse momento em permanecer fiéis a essa resolução e por isso colectivamente protestaram contra as críticas injustas do comité de Defesa Sindicalista que as acusavam de não aplicar integralmente.

Estavam de acordo com Monmousseau até ao congresso da I. S. V., onde defendeu uma certa política sindical do partido comunista. Quando um membro influente do Partido Comunista afirmou o orador — nos veio procurar

ao Bureau Confederal para nos mostrar uma resolução sobre a instituição das comissões sindicais, Monmousseau protestou violentamente contra esse documento, dizendo:

«Se tal realizasse rebenta a guerra entre o Partido Comunista e a C. G. T. U. Nesse momento aplaudia Monmousseau».

Chega o congresso da I. S. V. Depoimentos confiança na delegação quepartia para Moscova, sem exceptuar os seus membros comunistas. A sua volta mantivemos confiança por nos terem dito: «obtivemos satisfação».

As primeiras divergências foram originadas na nova política sindical, aplicada pelo Partido Comunista. Quando se constituiu o Comité de Acção para se opor às invasões do Ruhr o orador manifestou as suas apreensões ao Bureau Confederal.

Sentia que se ficasse no Partido Comunista não poderia aplicar a delegação que lhe tinha sido confiada em Saint-Etienne. Quando se encontrava preso na Santé, ao manifestar o seu desejo de sair do Partido Comunista, Monmousseau, disse-lhe: «Tu saís eu entro».

É partidário dos Comités de Acção, mas entende que a C. G. T. U. não deve fazer dentro delas, figura de parente pobre. Os Comités de Acção não deviam ser constituídos apenas com o Partido Comunista, mas com todos os agrupamentos que apoiavam a luta de classes.

Os comités deviam abraçar também a União Anarquista e a A. R. A. C. A autonomia sindical foi inscrita na Carta de Amiens e aprovada na resolução de Saint-Etienne. Não basta afirmarem-se partidários da autonomia sindical, é indispensável tomar posição em face dos organismos que a combatem.

Declara que combatem as Comissões sindicais mesmo antes da sua aparição. Ataca a mensagem da I. S. V. e declara-se de acordo com a revolução russa.

parlamento, e isto com o fim de encobrir o verdadeiro destino dado à importância de 16.09550, o que constitui o crime previsto e punido pelo código penal, pela Lei de Responsabilidade Ministerial e outros códigos.

5.º—Que o 2.º acusado (Freiria) ordenou, e é de sua inteira e completa responsabilidade, que os Ordens do Exército n.º 5 da 1.ª série de 14 de Março do corrente ano, fosse considerado o participante deserto para assim falsando as leis que tais casos regulam, indubitavelmente as autoridades civis, e obtém a sua prisão, afrontando e atacando os seus invioláveis direitos consignados na Constituição, calunhando assim e difamando o participante, o que tudo constitui crime previsto e punido pelo n.º 4 do artigo 55 da Constituição, da Lei de responsabilidade ministerial e do código penal.

6.º—Que o 3.º acusado (Homem de Figueiredo) servindo-se do seu lugar de chefe da 1.ª Repartição da Direcção Geral dos Serviços Administrativos do Exército, não fazer acompanhar, um processo enviado ao Supremo Tribunal Administrativo, de todos os documentos elucidativos, ocultando uns, rasu-

brando, pelos fundamentos dos artigos seguintes:

1.º—Desde o ano de 1916, que tem entrado para a Agência Militar em Lisboa, dinheiro-saldo-reposições de todas as unidades do exército, para serem repostas na Fazenda Nacional, devendo por isso entrar no Banco de Portugal, como Caixa Geral do Tesouro Público.

2.º—Que o 1.º e o 2.º acusados (Barreto e Freiria) ordenaram que esse dinheiro fosse desviado para outro fim, entrando assim, no Banco de Portugal, o que constitui crime previsto e punido pelo n.º 7 do artigo 55 da Constituição, e, bem assim pela Lei de responsabilidade ministerial.

3.º—Que o 1.º e o 2.º acusados (Barreto e Freiria) aproveitaram em seu próprio proveito parte desse dinheiro, tendo o 1.º (Barreto) já entrado com ele, porém só o fez, depois do participante ter apresentado a 1.ª queixa, e depois do crime ter sido cometido, e o dinheiro ter estado fora dos cofres públicos desde 20 de Fevereiro de 1922 até 19 de Maio do mesmo ano.

4.º—Que o 1.º acusado (Barreto) ordenou falsificações em documentos públicos, documentos estes enviados ao

António Xavier Correia Barreto, maior, oficial-general do exército;

Fernando Augusto Freiria, casado, maior, oficial do exército;

Francisco Homem de Figueiredo, maior, oficial do exército;

Roberto da Cunha Baptista, casado, maior, oficial-general do exército;

Virgílio Aurélio Henrique dos Santos, maior, oficial do exército;

João Coelho Teixeira, maior, oficial do exército, todos residentes em Lisboa, e, mais agentes e cúmplices incertos, que no decorrer do processo se desco-

Juliano QUINTINHA

Detenção injusta

Encontra-se ainda preso Alvaro Damas que há tempos esteve encarcerado em São João da Barra sob a acusação infundada de ter feito parte do fantástico atentado contra Antônio Maria da Silva.

Alvaro Damas tem agora outra acusação: a de ter tomado parte num atentado contra o industrial Dargent. Esta acusação é destituida de fundamento. Ontem foi passada uma busca em sua casa nada tendo sido encontrado de comprometedor.

Urge, quanto antes, aclarar a situação do preso pois ele é o amparo de seu pai e não deve sofrer por delitos que só uma imaginação muito excitada ou uma profunda má vontade lhes pode atribuir.

As detenções arbitrárias não dão lucro nem prestígio a ninguém. Perde o preso por sua vida e sua liberdade cercada e a quem vive de desorganização, perde o seu pai pois do braço do filho vivia; perde a sociedade pois tendo esta lei, cuja iniquidade e ferocidade são patentes, para conservação da mesma organização social, existente nada ganha em prender, perseguir, e condenar criaturas que as não infringiram. A república já tem muita fama dos republicanos e muito crime dos assasembreadores, para atormentar operários que vivem no inferno econômico fabricado pela complacência e pela immoralidade dos políticos.

CONFERÊNCIAS

«Sindicalismo e Revolução»

Realiza-se amanhã, pelas 20.30, na Associação dos Empregados de Escritório, uma conferência subordinada ao tema: «Sindicalismo e Revolução», sendo conferente o dr. Campos Lima.

«Curso da História do Direito em Portugal»

É amanhã, domingo, que o conferente dr. sr. Carneiro de Moura, realiza na Universidade Livre a 3.ª conferência do «Curso da História do Direito em Portugal», subordinada aos seguintes temas: O Forro de Leão, a revolta das comunas, A tolerância civil e religiosa dos mouros, Os mosteiros, os ascetas e os monges, As artes e ofícios, A monarquia portuguesa, vassalagem à Sé de Roma, As cortes de Lamego, As localidades, Luta das classes; o poder real, Conselho dos prelados e grandes, As cortes, Os tribunais, As leis de processo, O poder eclesiástico; os dízimos, Lei de amortização, O benefício.

rando outros, e, isto com a máliciosa intenção de prejudicar o participante, o que constitui crime previsto e punido pelos códigos.

7.ª — Que o 4.º acusado (Roberto Baptista) é um dos agentes dos acusados, pois que, abusando da sua autoridade de comandante da 1.ª Divisão do Exército, cometeu as violências-crimes, constantes de sua participação, 7.ª via, já entregue em 23 de Outubro de 1922 ao procurador geral da república, este acusado, procedeu conscientemente a todas as ordens ilegais recebidas, tem o máximo interesse em que os crimes de seus mandatários fiquem encobertos, porque um seu partidário político também é cúmplice do 1.º e 2.º acusados (Barreto e Freiria).

8.ª — Que o 5.º acusado (Virgílio dos Santos) abusando e servindo-se do seu lugar de chefe da Repartição de Justiça do Ministério da Guerra, tem dado informações delos ou sofismas, traindo assim as leis, e tendo amplo e completo conhecimento dos crimes dos acusados, é um elemento passível para este caso, e outrossim promove processos ao participante, processos estes, falsos e completamente nulos por serem contrários às leis da república, conforme o artigo 841 da Novíssima Reforma Judiciária, determinando indirectamente perguntas cavilosas ou sugestivas, o que é contrário às leis (art. 926 da N. R. J.) e tudo isto com o propósito firme de ocultar os crimes das pessoas de quem, o mesmo senhor é agente, o que tudo constitui matéria crime, prevista e punida pelos códigos da república.

9.ª — Que o 6.º acusado (João Teixeira) servindo-se do seu lugar de promotor de justiça do 1.º tribunal militar, cometeu as infracções constantes da participação 11.ª via já entregue ao sr. procurador geral da república em 25 de Julho do corrente ano.

Assim nestes termos, e, nos de Direito, deve a presente acção ser julgada procedente, os autos que os acusados lhe tem levantado serem julgados falsos, irritos, nulos e de nenhum efeito, por se participante imediatamente dada posse de todos os seus direitos e garantias individuais, retomar o seu lugar civil, nos correios, devido ao desvio de lá já 10 meses, ser o mesmo participante desde a sua 1.ª participação entregue a 25 de Julho do ano de 1922 até à presente, os acusados pronunciados e presos, dándose completa e inteira liberdade às testemunhas para depor, fora de toda a coacção e suborno, indemonstrarem, repondo os acusados, na Fazenda Pública, o dinheiro que ilegalmente da mesma desviaram, indenizarem o participante dos prejuízos sofridos com as atitudes e violências sofridas durante todo o tempo que, por sua ordem tem estado inconstitucionalmente militarizado, preso e detestado, nas custas e selos do processo, multa, e tudo o mais que for de lei, independentemente da responsabilidade criminal, como litigantes de má fé; assim por este 12.ª via, nos termos da lei, selada e reconhecida por notário, e, segundo os artigos n.ºs 865, 891 da N. R. J., n.º 30 do artigo 3.º da Constituição e 15 da lei de responsabilidade ministerial o participante e requerido para seguimento e procedimento imediato por não poder a falsa acusação promovida pelo abuso do poder dos acusados dever assim encobrir o clamor de justiça do participante e extirpá-lo de responsabilidade criminal dos factos participados.

Testemunhas 100 a apresentar quando a isso for legalmente intimado por quem de direito.

Dinheiro desviado pelos acusados e cúmplices 4.000 contos aproximadamente.

Alfredo de Sousa AZEVEDO
Voluntário ferido da guerra

São Carlos o. 3063 HOJE: vibrante entusiasmo A Castela

O grandioso êxito da actualidade Notabilíssima criação de LUCILIA SIMÕES
Suberbo conjunto com António Pinheiro, Eriço Braga, Amélia Pereira, Joaquim Amado e mais artistas.
Expondo programa pelo castello, dirigido por René Bohet
Bilhetes à venda durante o dia, sem aumento nos preços:
Primas e camarotes de 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª 2.500; de 2.ª 2.500 e de 3.ª 1.700; Torrijos, 1.200; Fautens, 1.600 e Varandas, 2.400.

Manuel Mário Ramos

Realizou-se ontem o seu funeral

Com regular concorrência, realizou-se ontem o funeral de Manuel Mário Ramos, esse jovem lutador da causa libertária que tombou para sempre em virtude das barbaridades policiais quando de algumas prisões que sofreu.

No funeral fizeram-se representar a Federação Mobiliária, os Sindicatos dos Encadernadores e Anexos, Impressores Tipográficos, Pessoal do Arsenal de Mitrilha, Caixeiros, Mobiliários, Federação das Juventudes Sindicalistas e Nucleos de Lisboa, Barreiro e Extremos, União Anarquista, Grupo Claridade, Juventudes Comunistas, A Batalha, A Internacional, etc.

A beira da sepultura foi lido um ofício dos presos sindicalistas revolucionários do Limoeiro, falando António Monteiro, pelos Encadernadores; António de Sousa, pelo Nucleo Juvenute Sindicalistas; Pires Barreira, pelas Juventudes Comunistas; e César de Castro, pela comissão de auxilio na doença de Manuel Mário Ramos, pondo todos em destaque as qualidades daquele camarada que em vida foi um dos mais valiosos defensores da causa dos oprimidos.

Em Sines

Trabalhadores marítimos

A Federação Carticeira Nacional enviou-nos a seguinte nota officiosa:

«Notifica-se aos sindicatos de Lisboa e arredores que foi carregado em Sines o hiate *Violante*. A carga não deve ser descarregada por pessoal carticeiro, isto por solicitação da Federação Marítima e por solidariedade para com os marítimos de Sines, que já se encontram em luta há 8 meses».

Fazendas para homem e senhora
Vende VIRGILIO ARRAIANO
COVILHÃ

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

O acordo entre o Município e a Carris

Sob a presidência do dr. sr. Daniel Rodrigues, reuniu-se ontem em sessão extraordinária a vereação da Câmara Municipal de Lisboa.

Em ordem da noite continua em discussão e projecto de bases do acordo a estabelecer entre a Companhia Carris de Ferro e a Câmara.

O sr. Luís Soares volta a defender o projecto, respondendo a várias considerações aduzidas na sessão anterior pelos vereadores que a combateram entre elles o dr. sr. Beirão da Veiga e Nunes Loureiro. Declara discordar do requerimento do sr. Raúl Caldeira para o projecto baixar à comissão de viação entendendo que a câmara devia aprová-lo no regendo-lo conforme entendesse conveniente.

O sr. Raúl Caldeira diz que ao apresentar o requerimento não tivera intenção menos consideração e respeito pelo trabalho nem pelos seus autores. O trabalho merecia ser analisado pela câmara. Pede autorização para retirar o seu requerimento e propõe 3.ª e 4.ª do projecto do acordo sejam substituídas por uma só nos seguintes termos:

«A câmara, quando se trate de qualquer pedido de aumento de tarifas, deliberará tomando em consideração os interesses do público compatíveis com as despesas de exploração, depreciação e renovação de material, juro e amortização do capital, de forma que na revisão de preços, não se deixe de atender a que o serviço de exploração tem de fazer face a esses encargos».

O sr. José António de Abreu, como o sr. Luís Soares autor do projecto, defende-o, expoundo largamente o critério a que obedece a comissão.

O dr. sr. Beirão da Veiga volta nesta sessão a alçar o projecto de acordo que entende deve ser rejeitado, por ser por que todos os existentes. Continua reditando os argumentos já apresentados na outra sessão.

O dr. sr. Marques da Costa comunica ter sido procurado por uma comissão de acionistas da companhia que lhe foram pedir para a câmara não desejar que o seu capital não fosse remunerado.

O presidente declara que a proposta do sr. Raúl Caldeira fora apresentada extemporaneamente e pôs à votação o pedido daquelle vereador para retirar o seu requerimento apresentado na sessão anterior para o projecto baixar à comissão de viação.

Indeferido o pedido e o requerimento posto à votação sendo aprovado por maioria.

O sr. Mário Reis declara ter votado contra o projecto baixar à Comissão de Vição porque ele continha princípios com os quaes estava em desacordo.

O dr. sr. Beirão da Veiga diz que também votara contra porque os membros da comissão de viação já se haviam pronunciado e a Câmara estar suficientemente esclarecida acerca do projecto.

O presidente declara que a proposta do sr. Raúl Caldeira baixaria também à comissão de viação.

GRANDES ABATIMENTOS

30% mais barato, consegue toda a gente comprar calçado para

homens, senhoras e crianças na Sapataria Pavilhão Americano

Marquês do Alegrete, 77

Coliseu dos Recreios

Hoje — A's 21 horas (9 da noite)

ESTREIA do célebre rei da evasão e notável ilusionista

Caballero Audaz

Sensacional e surpreendente trabalho do

BOLIDE HUMANO

O melhor, mais variado, mais artístico e mais barato espectáculo de Lisboa.

Amanhã — Grandiosa matinee

BILHETES À VENDA

POR ESSE MUNDO FORA

POLONIA

O reconhecimento do governo

VARSÓVIA, 21. — O governo polaco na declaração de reconhecimento de jure do governo dos soviéticos diz que toma conhecimento da constituição russa de 6 de Julho criando a união das repúblicas socialistas soviéticas e toma nota da sua declaração de que elas cumpriram os acordos feitos com os estrangeiros pelas várias repúblicas perante a União. A Polónia resolve entrar em relações diplomáticas normais com a Rússia, Tchetcher replicando declara que o governo ficou muito satisfeito com essa resolução a promette cumprir o disposto do tratado de Riga e noutros tratados que se estabelecerem prometendo também envidar os seus esforços para resolver as questões pendentes.

ESPAÑA

O Raisuli não morreu

MADRID, 21. — O chefe de serviços de informações do directório, referindo-se a um telegrama publicado por algumas agências estrangeiras, acerca da morte do Raisuli declarou que essa noticia era destituida de fundamento. Este falso boato foi originado em Londres.

TCHECOSLOVAQUIA

Vão com a hélice presa

PRAGA, 21. — O aviador francês Thorey voou durante duas a altura de 200 metros num aeroplano com a hélice presa.

EQUADOR

Tremores de terra

GUATACUIL, 21. — Continuam a repir-se com muita frequência os tremores de terra nesta região, tendo-se sentido mais de dez nestas ultimas 24 horas.

INGLATERRA

Tempestades de neves

LONDRES, 21. — O norte de Inglaterra tem sido assolado por violentas tempestades de neves.

MÉXICO

Uma derrota dos insurrectos

NOVA-YORK, 21. — Dizem de Villahermosa, que depois dum furioso combate de trinta horas em que morreram algumas dezenas de soldados governamentalistas e algumas centenas de insurrectos, estes retiraram em desordem.

II Congresso do P. R. Radical

Realiza-se no Porto, no dia 31 de Janeiro do próximo ano, o II Congresso do Partido Republicano Radical.

A correspondência relativa ao Congresso e que diga respeito ao distrito de Lisboa, deve ser dirigida ao secretário da comissão distrital, rua de São Bento, 31, 1.ª, Lisboa.

Para nomear os seus delegados ao Congresso reúne hoje a comissão política da freguesia da Pena, Calçada de Santana, 31, loja.

Fazendas para homem e senhora
Vende VIRGILIO ARRAIANO
COVILHÃ

Os empresários

Organizaram uma associação

Sob a presidência do sr. Carlos Borges, secretariado pelos srs. José Loureiro e J. J. Segurado, reuniram-se ontem no Coliseu dos Recreios todos os empresários das várias casas de espectáculos de Lisboa que resolveram por unanimidade:

1.ª — Formar desde já uma Associação que se denominará Associação dos Empresários Portugueses e que terá a sua sede provisória no Teatro Politeama, a fim de tratar dos interesses das respectivas Empresas.

2.ª — Nomear uma comissão que ficou composta pelos srs. Carlos Borges, José Loureiro, Luís Pereira, Castelo Lopes, Raúl Freire, Leopoldo O'Donnell, José Segurado, Ricardo Covas, Artur Ematiz e Luís Carlosso, para elaborar os respectivos estatutos.

3.ª — Nomear uma sub-comissão que ficou composta pelos srs. Leopoldo O'Donnell, António Macêdo e Estevão Amante para solicitar do chefe do districto a alteração de um artigo do Regulamento dos Teatros que obriga ao reembolso dos bilhetes do público quando depois de concessão o espectáculo e por qualquer caso de força maior ou em obediência a ordem superior se é forçado a terminar e instar junto da Companhia Carris de Ferro para que as várias carreiras de eléctricos, em benefício do público e das Empresas, seja prolongada até a 1 hora.

Mais ainda resolveu a assembleia que a comissão reúna amanhã e dias seguintes pelas 21.30 horas na sua sede provisória a fim de continuar os seus trabalhos.

Todas as acções das várias Empresas da provincia algumas das quaes já tiveram representação na reunião de ontem, podem ser enviadas a sede provisória da Associação dos Empresários Portugueses.

TEATRO APOLO

TELEPHONE N. 4129

HOJE: Récita dedicada à actriz Júlia de Assunção

Reparição da actriz ELISA SANTOS em 4 NÚMEROS NOVOS 4

A mefista foliona e os seus conquistadores, com Holbeche Bistos, Telmo de Sousa, Reginaldo Duarte e Jacques Delvams — Capitão Lavado. — A futebolista e A illustre vendedeira.

FAMÍLIA MODERNA, por Júlia de Assunção, Artur Rodrigues e Joaquim Prata. — O ENGRAXADOR, por Joaquim Prata.

A MENINA DOS BIGODES, com coplis novas e fados à guitarra por LINA DEMOEL.

OUTRAS ATRACÇÕES SENSACIONAIS

Ampliando a popular revista Vida Airada

O mais alegre e retumbante espectáculo da actualidade

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES SINDICATOS

Federação Metalúrgica. — Com a presença de delegados de Lisboa, Porto, Almada, Covilhã, Évora, Vila Real de Santo António, Portimão, Olinho, Peniche e Aljustrel, reuniu-se nesta feira o conselho federal, tendo sido apreciado o expediente vindo do norte e o relatório do delegado ali enviado em missão de propaganda. A reunião dos resultados improprios obtidos, bem como a falta de informações que habilitassem a Federação a bem desempenhar-se da sua missão.

Congratula-se com a próxima realização da Conferência Metalúrgica no Porto, e resolve fazer-se representar na mesma por Joaquim da Silva, que nessa data, com um camarada do norte, iniciará a propaganda pró-congresso.

Federação Mobiliária. — Na reunião do conselho federal antontem efectuada, foi nomeado delegado à sessão comemorativa da morte de José Manuel, Santos Arranha, sobre um offício da U. S. O. pedindo auxilio para amortizar o seu debito produzido pela greve de São Pedro da Cova, foi resolvido fazer-lhe sentir que é impossível concorrer devido ao precario estado financeiro deste organismo.

Impressores Tipográficos. — Reuniram em assembleia geral nomeando os corpos gerentes para o ano de 1924 que deu o seguinte resultado: Direcção 1.ª e 2.ª secretários, António Costa e António Gonçalves; tesorero, Carlos Santos; vogais, Alvaro Santos e Engenheiro Soares; delegados a U. S. O., Delfim Ferreira e Alirio Mota; a F. L. e J. Raúl Sousa e Carlos Dias. Assembleia geral, Homero Ramalhal e Carlos H. de Oliveira. Conselho fiscal, Delfim Ferreira, Alirio Mota e Daniel da Silva.

Equamente Homero Ramalhal, António Costa e Carlos Dias para representarem este organismo na Conferência Internacional promovida pela U. S. O.

CONVOCAÇÕES

Federação Carticeira Nacional. — Reúne amanhã, pelas 12 horas, o Conselho Federal para se ocupar de assuntos importantes e possivelmente da resposta da Secção de Cortiças da Associação Industrial Portuguesa às reclamações da classe apresentadas por esta Federação.

A reunião effectua-se na sede da C. G. T.

Federação dos Tanoeiros. — Reúne amanhã pelas 11 horas, o Conselho Federal, juntamente com a comissão administrativa, a fim de tratar de assuntos que requerem immediata resolução.

Em virtude da sua magnitude pede-se a comparecência de todos os delegados em especial os de Almada.

S. U. da C. Civil. — Canteiros e Polidores de Marmores. — Convidam-se os sócios desta secção que estejam em atraso a pôrem-se em dia até ao fim do corrente ano, sob pena de serem eliminados caso não o façam.

Manifacções de Calçado. — Para continuação dos trabalhos pendentes, reúne pelas 21 horas, em assembleia geral com a seguinte ordem de trabalhos: 1.ª Apreciar um assunto que se prende com o «Labor. Proletário»; 2.ª Uma circular da U. S. O.; 3.ª Um offício da Fábrica «Elite»; 4.ª Nomeação de corpos gerentes; 5.ª Apreciar o parecer sobre a crise de trabalho na industria.

Inscritos Marítimos. — Reúne hoje a assembleia geral, pelas 18 horas.

SECCÃO TELEGRÁFICA

Federações

MOBILIÁRIA

Porto. — S. U. Mobiliário. — Segue officio.

Delegação Federal. — Recebemos officio.

Braga. — S. U. Mobiliário. — Respondam à nota officiosa e officio enviado; informem com urgência da data do julgamento de Domingues Ferreira.

A todos os sindicatos aderentes. — Chamamos a vossa attenção para a nota officiosa desta Federação ontem publicada.

C. G. T.

Rurais de Beja. — Recebemos officio e vale de correio com 21800, para os mineiros e presos.

Presos sociais do Limoeiro. — Temos 10800 à vossa ordem dos Rurais de Beja.

Comissão Pró-mineiros de São Pedro da Cova. — Em nosso poder 55800 enviados pelos organismos. Que reas que vos envie, ou esperamos que recebam mais para vos enviar?

Festa de solidariedade

Na Secção da Construção Civil de Palma, realiza-se hoje, pelas 21 horas, uma recita promovida por uma comissão de amigos a favor de Artur Pinho Alonso, que há pouco saiu do forte de São João da Barra, e Arsenio José Filipe, que se encontra preso no Limoeiro.

Representar-se-há a peça social em 3 actos «A greve» e «O povo que trabalha», redigido por Manuel Brogueira, Libanio da Cunha e D. Augusta da Cunha. Haverá também canção nacional pelos melhores cultores, estando a parte musical a cargo do sr. António Paul.

Concursos no Politeama

Como o anterior, o 8.º concerto de assinatura da Orquestra Sinfónica de Lisboa, sob a regência do maestro Fernandes Fão, e que amanhã se executa no Politeama, compõe-se no respectivo programa de obras originaes do illustre compositor portuense Oscar da Silva.

Na 1.ª parte indica dós números da «suite oriental»; a «Amourites», para orquestra de arco e o poema sinfónico «Alma crucificada». Na 2.ª, figuram quatro trechos para piano e canto, pela sr.ª D. Fernanda Cortes Real, além das «Três páginas portuguesas» e na 3.ª, executar-se-há uma suite da «Merlam» e a abertura da novela lirica «Donna Mecia», pela orquestra.

Concursos no Politeama

Amoreiras. — J. M. — Assinatura paga até 14 de Janeiro.

Porto. — A Comuna. — Os 358 utramarinos renderam 29375.

União Marítima de Buarcos. — O redactor segue domingo com o comboio da manhã.

A peça que reúne

maior número de

atracções e a que

está em scena no

Teatro Nacional

A VERTIGEM

Peça interessantíssima,

cheia de imprevisto

Delicioso desempenho

AS GREVES

Gráficos dos jornais

Sem a menor alteração mantém-se o conflito nos jornais *Correio da Manhã*, *Mundo* e *A Patria*. Verificou-se que no primeiro periódico estão trabalhando uns *escaltrachos*, que se aproveitam desses movimentos para trairem a organização de trabalho, usufruindo maiores proventos devido à anormalidade do conflito.

A inscrição dos grevistas está aberta das 15 às 20 horas.

EM VALENÇA DO MINHO

Operárias da construção civil

VALENÇA, 20. — Para apreciar a marcha do seu movimento, reuniram-se os operários da construção civil, com a presença dos delegados António Martins e F. Canavende, da Federação de Indústria.

O primeiro faz largas considerações, censurando os amarelos vindos do Porto e aconselhando os concientes a não desanimarem, visto terem direito a vencer.

Canavende salda o proletariado valenciano, dissertando sobre a necessidade de se organizarem para tomarem conta da produção, quando for oportuno.

Foi nomeada uma comissão com um delegado da Federação, para realizar as necessárias *démarches* para a solução do conflito. — C.

SÃO TIAGO DO CACÉM

Os operários manufactores de calçado são attendidos nas suas reclamações.

SÃO TIAGO DO CACÉM, 20. — Terminou, com victoria completa para os operários, a greve dos manufactores de calçado. Após um mês de luta, decidiram-se os industriais do calçado a atender as justas reclamações dos seus operários, as quaes consistiam em 30 % de aumento em obra fina e 40 % em obra grossa.

A organização sindical deve o triunfo de tão justa causa. Pois os componentes desta classe, acham-se devidamente sindicados e mantendo entre si uma estreita solidariedade, sobearam-se impor e conduzir até a victoria que os mobiliza; pois tiveram do seu lado a opinião pública, quasi sempre tão alheia a razão.

Pelo comité da greve foi enviada anteontem à respectiva Federação uma «nota» comunicando o termo do movimento. — C.

NA MARINHA GRANDE

Operários manufactores de cilindros de vidraça

MARINHA GRANDE, 20. — Pode dizer-se que a greve já terminou, se bem que não trabalhem todas as fábricas que funcionavam até antes do conflito, pois accionam as tabelas os industriais Almeida Moraes & C.ª e Damascos Luis dos Santos, em Vieira de Leiria, restando Carlos Galo e Santos Barroza & C.ª.

Ontem reuniram os operários resolvendo perguntar por escrito aos industriais renitentes se estavam dispostos a aceitar o seu pessoal nas condições já conhecidas e pagando os dias que esteve sem trabalho, porque urgia colocar esse pessoal pelas fábricas que accediam à reclamação.

O sr. Barosa respondeu à comissão de *démarches* não aceitar tabelas e que o pessoal poderia retomar o trabalho pela tabela antiga, sem compromisso de pagar os dias que não trabalharam.

Os operários não davam resposta alguma. Deliberou-se então fazer boicote à fábrica deste senhor, não sem primeiro ter de uma resposta decisiva, mas por escrito, sobre se prescindia completamente do fabrico de vidraça, para os operários desta especialidade se collocarem definitivamente em outras fábricas.

O procedimento deste

"A BATALHA" NA PROVINCIA E NOS ARREDORES

CRÓNICA DO PORTO

OS FORÇADOS DO RIO DOURO

Os descarregadores, vitimados cotidianamente por demasiado esforço não podem recorrer à obra de assistência

No dia 11 do corrente, pelas 17 horas, aproximadamente, uma mulher que se empregava na descarga do carvão feriu-se bastante num dos braços. Motivos: ter-se desequilibrado numa das pranchas em declive excessivo e bastante transitada por carregadores, e um grito, pesando 50 quilos, caiu-lhe em cima. Se não fosse a presteza dos que estavam próximos, certamente a sinistra despenharia-se-lhe no porão da embarcação alemã, e era uma vez uma vida.

Feitos os primeiros curativos pela própria tripulação do barco, a ferida apresentou-se ao capitão. Tinha direito a ser enviada ao seguro, visto que estava impossibilitada de continuar o serviço e, provavelmente, carcer de melhor tratamento.

O capitão, porém, não o entendeu assim e mandou-o para o serviço. Aquilo não era nada. Mas o ferimento agravou-se, o braço inchou e a doente recalcitrava.

Pois bem: que fosse a uma farmácia ver o que era preciso. Era necessário isto: ir para o seguro, visto que o próprio do cotovelo estava muito enfadado.

O capitão, e a sua mulher, também, furiosamente não acreditaram. Insultam, desligam o braço alijado e puxam-no ao mesmo tempo que dão um apertado na ferida, fazendo gritar, com desespero, a sinistra.

Então, o capitão lá se resolve a preencher uns impressos e a enviar a carta ao respectivo seguro, mas acompanhada desta interessantíssima carta:

"Junto remeto para consultar a portadora... que no sábado p. p. fez uma arranhadura (o italiano é nosso) num braço tendo-a mandado curar a uma farmácia informaram-me que não tinha nada mas lembrou-me que eu a mandasse para o seguro, como sou por lei obrigado."

TEATROS & CINEMAS

COMPANHIA ESPANHOLA DE ZARZUELA

El sacro monte, Los boémios e El sanatório del amor

Três zarzuelas em um acto e vários quadros. "El sacro monte, Los boémios" e "El sanatório del amor".

Especialmente variado, extenso e de certa atracção para os amadores e gourmets. Na plateia, no balcão, nos camarotes e frias muita gente. A empresa António Macedo, não deve estar descontente a estas horas, com o resultado monetário das últimas noites. O maestro Rada não rege a "El sacro monte".

Um visinho de fustel avanta a possibilidade do regente Serafin, ter deixado de dirigir a orquestra, desgostoso com a falta de unidade dos seus dirigidos. Não é assim. Lá o vemos na segunda peça, agitando furiosamente o busto, desenganchando o pescoço, fisionomia alegre de espanhol bigodado, mas firme na sua gestulação de mestre que conhece de cor as partituras.

Vamos às zarzuelas: "El sacro monte" é uma autêntica página da vida andaluz, a que não falta o garbo do "torador" e o cravo vermelho nos cabelos sedosos das mulheres. É um retrato curioso da Espanha do redondel, das plazas, das "ventas". Música saltitante, requiebros salerosos dos corpos femininos e masculinos, "ninas" de olhos pisados e "mantons" variegados, ondantes de volúpia. "El sacro monte" foi, quanto a mim, a melhor zarzuela da noite.

"Los boémios" é já diferente. Há muito menos "gracia" na música e seu entrecio e as suas melodias arrebatadas. Puccini. Até o cenário do segundo quadro recorda o terceiro acto da "Bohème". Ouve-se com tranquilidade, mas está longe de ser uma zarzuela, e não consegue ser uma opereta moderna.

"El sanatório del amor" é uma "charge", viva, espirituosa com uma temperada de frases alongas e um abito de zero. Por isso agradou à maioria do público. Tem uma bela qualidade, a música está bem de acordo com a letra, eufante como ela e rubricando bem as situações mais flagrantes.

O espectáculo foi pois bem aceite, porque satisfaz a paladares vários, e deu-nos três modalidades da música espanhola.

O desempenho muito homogêneo. As boas vozes tiveram oportunidade de se pôr em saliência. Não terminaremos sem advertir que nos reparos que fizemos à indole das zarzuelas, outro fim não tivemos que não fosse o determinar o interesse de cada uma delas se pode colher. Sendo todas muito diferentes, são no entanto bons elementos de aproveitamento para o espectáculo bem organizado.

Nogueira de BRITO

COIMBRA

Os moços de fretes

estão sendo vítimas duma exploração ignóbil

COIMBRA, 20. — Foi ali na Sofia, no Café do Nascimento, que o acesso nos fez encontrar o camarada António Silva, do Sindicato dos Moços de Fretes, que nos contou coisas extraordinárias sobre a assistência pública em Coimbra e sobre os calotes da polícia e da mesma Assistência, que geralmente não pagam aqueles que sendo chamados ao cumprimento dum serviço, a ele se não podem negar sob pena de prisão.

António Silva falou-nos durante uma hora, relatou-nos casos que são verdadeiras infâmias, a negação do livre trabalho que a república defende nas suas leis e adjectivadas de liberdade.

— É um camarada que se é forçado pela polícia a conduzir um cadáver, estando a fazer um serviço, trabalhando para ganhar o pão nosso de cada dia, e que no dizer do guarda se não pode recusar, pois que então se veria forçado a prendê-lo.

Inquirimos então e soubemos que, na maioria destes casos a polícia não paga o serviço prestado, alegando não ter dinheiro, forçando contudo a moços de fretes a largar tudo e todos para acudirrem ao seu chamado.

A Assistência Pública, única entidade que olha por estes serviços, também não paga, a não ser que os interessados se disponham a perder alguns meses de trabalho para receber os magros centavos que esta dá.

Enfim, os moços de fretes são obrigados como disse um inteligente cabo de polícia, a sujeitar-se a tudo como as meretrizes. (palavras textuais).

Não havendo nesta cidade um bem ou mal montado serviço de assistência pública, pronto a acudir a qualquer desastre que se dê na via pública, são geralmente chamados a prestar os seus serviços, no que consta ao transporte de feridos etc., os moços de fretes, a cujo serviço se não negam, desde que seja um caso de desastre.

Porém, sucede muitas vezes que, estes, são violenta e arbitrariamente intimados pela polícia a prestar serviços que não são filhos de desastres, e são forçados a largar o que andam a fazer, para acatar tais ordens, sem que, contudo, alguém lhe pague o seu

trabalho que há meses atinge um dia. E, quantas vezes, chamados pela ditatorial polícia, são obrigados a transportar cadáveres que exalam um cheiro pestilento, sob a contigência duma infecção: pois que nos hospitais e Necróterios quasi sempre lhes negam de infectantes, com que possam proceder a uma limpeza que os livre de consequências que podem ser graves.

Alega sempre a polícia que não tem dinheiro em cofre para o pagamento de tais serviços — dizendo-lhes que tenham paciência — quando é certo que existe uma Comissão Distrital de Assistência Pública que devia olhar por estes serviços, pagando os "calotes" que a polícia dá a quasi todos os moços de fretes de Coimbra.

Assim, sucede muitas vezes que, quando se não trata de desastres, estes se negam a prestar qualquer serviço, pois que perdem um ou mais dias de trabalho sem que ninguém lhes pague — ou se pagam a uma miséria — pelo que a polícia investe brutal e grosseiramente, ameaçando e prendendo os moços de fretes.

Claro está, que os moços de fretes preferem ser presos, alegando a justiça que lhes assiste, a sofrer o insulto que uma bocarra indecente e estúpida profere.

E, temos nós, estes sujeitos muitas vezes a uma prisão arbitrária, por a "educada" polícia respeitar a liberdade de trabalho.

Mas como o assunto é grande e nós ainda temos muito que dizer, vamos terminar, guardando para breve a nossa opinião quanto ao assunto, assim como o camarada António Silva que breve dirá o que pensa e o seu sindicato quanto à mais prática resolução que o assunto require. — C.

Comprim-se por altos preços cobre, bronze, metal, chumbo, estanho, tipo solda e zinco. R. Nova de Carvalho, 19 (junto ao arco pequeno).

Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Trabalhadores: LEDE A "A BATALHA"

LIMAS

As melhores são as da "União". Tomé Figueiras, Vieira de Leiria. Pedir em todas as lojas de ferramentas. Realizam em preços e em

Para esse espectáculo deram a sua valiosa e incondicional adesão os artistas Eduardo Brazão, José Ricardo, Rafael Marques, Erico Braga, Estêvão Amarante, Sales Ribeiro, Nascimento Fernandes, Fernando Pereira, Lucília Simões, Amélia Rey Colaço, Ilda Stichini, Luísa Satañela e Laura Costa.

A peça "A Vertigem" continua a afirmar-se um trabalho notabilíssimo, possuindo um entrecio que prende a atenção do espectador, do primeiro ao último acto, tendo um desenlace tão trágico como imprevisto. No desempenho, em conjunto e esplêndido destacam-se brilhantemente Ilda Stichini, Clemente Pinto, Rafael Marques e Ribeiro Lopes.

— Mais uma noite de entusiasmo e enorme concorrência será a de hoje em São Carlos, com a "A Castela", interessante e imprevisível, o público em recrudescente curiosidade. A "Castela" tem um primeiro conjunto de desempenho, sendo verdadeiramente admirável o trabalho de Lucília Simões, em que esplêndidamente secundam António Pinheiro, Erico Braga, Amélia Pereira e Joaquim Almada noutros papéis de destaque.

— O público que nestas duas noites tem enchido por completo o São Luís, não se cansa de tecer elogios à opereta "Frasquita" que esta noite se repete, cuja partitura é um verdadeiro mimo, e a qual as principais artistas da esplêndida companhia Armando de Vasconcelos dão um grande realce sobretudo Auzenda de Oliveira, que na protagonista tem mais uma coroa de glória.

— Hoje realiza-se no Coliseu dos Recreios a estreia do célebre arleão da evasão e notável ilusionista Caballero

— O público que nestas duas noites tem enchido por completo o São Luís, não se cansa de tecer elogios à opereta "Frasquita" que esta noite se repete, cuja partitura é um verdadeiro mimo, e a qual as principais artistas da esplêndida companhia Armando de Vasconcelos dão um grande realce sobretudo Auzenda de Oliveira, que na protagonista tem mais uma coroa de glória.

— Hoje realiza-se no Coliseu dos Recreios a estreia do célebre arleão da evasão e notável ilusionista Caballero

Tortozendo

A má situação dos mineiros

TORTOZENDO, 20. — Os operários que trabalham nas minas desta localidade estão auferindo salários muito baixos. O gerente da companhia alega que esta não pode prover a melhoria da situação económica. Os quatro mandões da Companhia, que no seu país, a Inglaterra, eram: um capitão, um safreiro, um mineiro, um carregador, afirmam que aquela está empenhada.

Mas os ordenados dos empregados orçam por 200 a 400 escudos mensais, e o salário dos mineiros auferem 5 a 6 escudos diários. Contudo, o gerente esbanja o dinheiro em trabalhos estranhos e sem utilidade alguma para a mina.

Enfim, se os operários se não decidirem a lutar pela melhoria da sua situação, poderão resignar-se a morrer de fome. — C.

Pedras para isqueiros

Metal Auer, assim como roças, ócas e maciças, tubos, molas, chaminés de 2 e 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo do Onde Barão, n.º 55.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lala. (É a casa que fornece em melhores condições).

Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Trabalhadores: LEDE A "A BATALHA"

Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Trabalhadores: LEDE A "A BATALHA"

SUCATAS

Comprim-se por altos preços cobre, bronze, metal, chumbo, estanho, tipo solda e zinco. R. Nova de Carvalho, 19 (junto ao arco pequeno).

Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Trabalhadores: LEDE A "A BATALHA"

Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Trabalhadores: LEDE A "A BATALHA"

Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Trabalhadores: LEDE A "A BATALHA"

Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Trabalhadores: LEDE A "A BATALHA"

Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Trabalhadores: LEDE A "A BATALHA"

Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Trabalhadores: LEDE A "A BATALHA"

Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Trabalhadores: LEDE A "A BATALHA"

Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Trabalhadores: LEDE A "A BATALHA"

Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Trabalhadores: LEDE A "A BATALHA"

PORTIMÃO

UMA FLAGRANTE INJUSTIÇA

Um preso agredido brutalmente em presença da guarda republicana

PORTIMÃO, 19. — Deu-se no dia 12 do corrente, no animatógrafo desta localidade, uma cena de pugilato entre o farmacêutico sr. Quintanilha e o nosso camarada António de Santana, caso que lamentamos, mas que não podemos deixar de dizer que trás revolta e quasi toda a gente desta vila, pela forma bárbara como procederam com o nosso camarada, que apenas se defendeu duma agressão injustificada.

Contemos singelamente os factos, para que os leitores de A Batalha possam mais uma vez ver que neste país, apesar da igualdade apregoada pelos sr.s republicanos, ela só existe entre os grandes, sendo sempre ofendida quando se trata de pobres operários.

No dia acima referido, quando já tinha começado a exibição das fitas, entrou no animatógrafo o sr. Quintanilha, acompanhado de sua esposa. Como a empresa do mesmo animatógrafo, com a complicitade das autoridades, enche o barracão, como se enche um circo de amêdoas, vários dos espectadores foram de ficar de pé, enchendo quasi todas as coxias. Ao entrar o sr. Quintanilha, ao mesmo tempo que dizia: "Deixem-me entrar", ia empurrando os que se encontravam de pé, vindo a lita. Ora, um dos empurrados foi o nosso camarada, que com sua esposa ali se encontrava. Revoltado com a pouca delicadeza do sr. Quintanilha, disse-lhe que fosse mais delicado. Foi quando bastou para este senhor dar duas bofetadas no nosso camarada, dando lugar a que este se defendesse com um soco que lhe partiu os olhos, ferindo-o num dos olhos.

Imediatamente apareceu a guarda republicana, que prendeu apenas o nosso camarada. Apareceu também o filho do sr. Quintanilha, que se atirou ao preso como uma fera, chegando a mordê-lo. Tudo isto se deu, estando já o nosso camarada agredido pelos guardas que, com uma parcialidade revoltante, consideram não somente que agrediram

sem o preso, mas ainda derribaram o nosso camarada no chão, para dentro de uma masmorra às escaras!

O acto do filho, mesmo sem o pai ter razão, ainda se pode desculpar, mas que se não pode desculpar é o facto da guarda consentir que ele agredisse um preso confiado à sua guarda, deixando de mais a mais o agressor em liberdade!

O que se não teria passado, se invéssemos os casos! Ainda acrescentemos que o nosso camarada não foi tratado dentro da prisão da guarda republicana, com aquele rudimentar respeito que, mesmo em Marrocos, é sempre dispensado a todos os presos; de mais a mais tratou-se de um operário honesto e trabalhador, que a toda a gente merece mais respeito do que a maioria daqueles que a guarda defende.

De resto é preciso que a s.ª guarda se compenetre de que o Estado lhe paga a complicitade das autoridades, enche o barracão, como se enche um circo de amêdoas, vários dos espectadores foram de ficar de pé, enchendo quasi todas as coxias. Ao entrar o sr. Quintanilha, ao mesmo tempo que dizia: "Deixem-me entrar", ia empurrando os que se encontravam de pé, vindo a lita. Ora, um dos empurrados foi o nosso camarada, que com sua esposa ali se encontrava. Revoltado com a pouca delicadeza do sr. Quintanilha, disse-lhe que fosse mais delicado. Foi quando bastou para este senhor dar duas bofetadas no nosso camarada, dando lugar a que este se defendesse com um soco que lhe partiu os olhos, ferindo-o num dos olhos.

Imediatamente apareceu a guarda republicana, que prendeu apenas o nosso camarada. Apareceu também o filho do sr. Quintanilha, que se atirou ao preso como uma fera, chegando a mordê-lo. Tudo isto se deu, estando já o nosso camarada agredido pelos guardas que, com uma parcialidade revoltante, consideram não somente que agrediram

sem o preso, mas ainda derribaram o nosso camarada no chão, para dentro de uma masmorra às escaras!

O acto do filho, mesmo sem o pai ter razão, ainda se pode desculpar, mas que se não pode desculpar é o facto da guarda consentir que ele agredisse um preso confiado à sua guarda, deixando de mais a mais o agressor em liberdade!

O que se não teria passado, se invéssemos os casos! Ainda acrescentemos que o nosso camarada não foi tratado dentro da prisão da guarda republicana, com aquele rudimentar respeito que, mesmo em Marrocos, é sempre dispensado a todos os presos; de mais a mais tratou-se de um operário honesto e trabalhador, que a toda a gente merece mais respeito do que a maioria daqueles que a guarda defende.

De resto é preciso que a s.ª guarda se compenetre de que o Estado lhe paga a complicitade das autoridades, enche o barracão, como se enche um circo de amêdoas, vários dos espectadores foram de ficar de pé, enchendo quasi todas as coxias. Ao entrar o sr. Quintanilha, ao mesmo tempo que dizia: "Deixem-me entrar", ia empurrando os que se encontravam de pé, vindo a lita. Ora, um dos empurrados foi o nosso camarada, que com sua esposa ali se encontrava. Revoltado com a pouca delicadeza do sr. Quintanilha, disse-lhe que fosse mais delicado. Foi quando bastou para este senhor dar duas bofetadas no nosso camarada, dando lugar a que este se defendesse com um soco que lhe partiu os olhos, ferindo-o num dos olhos.

Imediatamente apareceu a guarda republicana, que prendeu apenas o nosso camarada. Apareceu também o filho do sr. Quintanilha, que se atirou ao preso como uma fera, chegando a mordê-lo. Tudo isto se deu, estando já o nosso camarada agredido pelos guardas que, com uma parcialidade revoltante, consideram não somente que agrediram

sem o preso, mas ainda derribaram o nosso camarada no chão, para dentro de uma masmorra às escaras!

O acto do filho, mesmo sem o pai ter razão, ainda se pode desculpar, mas que se não pode desculpar é o facto da guarda consentir que ele agredisse um preso confiado à sua guarda, deixando de mais a mais o agressor em liberdade!

O que se não teria passado, se invéssemos os casos! Ainda acrescentemos que o nosso camarada não foi tratado dentro da prisão da guarda republicana, com aquele rudimentar respeito que, mesmo em Marrocos, é sempre dispensado a todos os presos; de mais a mais tratou-se de um operário honesto e trabalhador, que a toda a gente merece mais respeito do que a maioria daqueles que a guarda defende.

De resto é preciso que a s.ª guarda se compenetre de que o Estado lhe paga a complicitade das autoridades, enche o barracão, como se enche um circo de amêdoas, vários dos espectadores foram de ficar de pé, enchendo quasi todas as coxias. Ao entrar o sr. Quintanilha, ao mesmo tempo que dizia: "Deixem-me entrar", ia empurrando os que se encontravam de pé, vindo a lita. Ora, um dos empurrados foi o nosso camarada, que com sua esposa ali se encontrava. Revoltado com a pouca delicadeza do sr. Quintanilha, disse-lhe que fosse mais delicado. Foi quando bastou para este senhor dar duas bofetadas no nosso camarada, dando lugar a que este se defendesse com um soco que lhe partiu os olhos, ferindo-o num dos olhos.

Imediatamente apareceu a guarda republicana, que prendeu apenas o nosso camarada. Apareceu também o filho do sr. Quintanilha, que se atirou ao preso como uma fera, chegando a mordê-lo. Tudo isto se deu, estando já o nosso camarada agredido pelos guardas que, com uma parcialidade revoltante, consideram não somente que agrediram

sem o preso, mas ainda derribaram o nosso camarada no chão, para dentro de uma masmorra às escaras!

O acto do filho, mesmo sem o pai ter razão, ainda se pode desculpar, mas que se não pode desculpar é o facto da guarda consentir que ele agredisse um preso confiado à sua guarda, deixando de mais a mais o agressor em liberdade!

O que se não teria passado, se invéssemos os casos! Ainda acrescentemos que o nosso camarada não foi tratado dentro da prisão da guarda republicana, com aquele rudimentar respeito que, mesmo em Marrocos, é sempre dispensado a todos os presos; de mais a mais tratou-se de um operário honesto e trabalhador, que a toda a gente merece mais respeito do que a maioria daqueles que a guarda defende.

De resto é preciso que a s.ª guarda se compenetre de que o Estado lhe paga a complicitade das autoridades, enche o barracão, como se enche um circo de amêdoas, vários dos espectadores foram de ficar de pé, enchendo quasi todas as coxias. Ao entrar o sr. Quintanilha, ao mesmo tempo que dizia: "Deixem-me entrar", ia empurrando os que se encontravam de pé, vindo a lita. Ora, um dos empurrados foi o nosso camarada, que com sua esposa ali se encontrava. Revoltado com a pouca delicadeza do sr. Quintanilha, disse-lhe que fosse mais delicado. Foi quando bastou para este senhor dar duas bofetadas no nosso camarada, dando lugar a que este se defendesse com um soco que lhe partiu os olhos, ferindo-o num dos olhos.

Imediatamente apareceu a guarda republicana, que prendeu apenas o nosso camarada. Apareceu também o filho do sr. Quintanilha, que se atirou ao preso como uma fera, chegando a mordê-lo. Tudo isto se deu, estando já o nosso camarada agredido pelos guardas que, com uma parcialidade revoltante, consideram não somente que agrediram

sem o preso, mas ainda derribaram o nosso camarada no chão, para dentro de uma masmorra às escaras!

O acto do filho, mesmo sem o pai ter razão, ainda se pode desculpar, mas que se não pode desculpar é o facto da guarda consentir que ele agredisse um preso confiado à sua guarda, deixando de mais a mais o agressor em liberdade!

O que se não teria passado, se invéssemos os casos! Ainda acrescentemos que o nosso camarada não foi tratado dentro da prisão da guarda republicana, com aquele rudimentar respeito que, mesmo em Marrocos, é sempre dispensado a todos os presos; de mais a mais tratou-se de um operário honesto e trabalhador, que a toda a gente merece mais respeito do que a maioria daqueles que a guarda defende.

De resto é preciso que a s.ª guarda se compenetre de que o Estado lhe paga a complicitade das autoridades, enche o barracão, como se enche um circo de amêdoas, vários dos espectadores foram de ficar de pé, enchendo quasi todas as coxias. Ao entrar o sr. Quintanilha, ao mesmo tempo que dizia: "Deixem-me entrar", ia empurrando os que se encontravam de pé, vindo a lita. Ora, um dos empurrados foi o nosso camarada, que com sua esposa ali se encontrava. Revoltado com a pouca delicadeza do sr. Quintanilha, disse-lhe que fosse mais delicado. Foi quando bastou para este senhor dar duas bofetadas no nosso camarada, dando lugar a que este se defendesse com um soco que lhe partiu os olhos, ferindo-o num dos olhos.

Imediatamente apareceu a guarda republicana, que prendeu apenas o nosso camarada. Apareceu também o filho do sr. Quintanilha, que se atirou ao preso como uma fera, chegando a mordê-lo. Tudo isto se deu, estando já o nosso camarada agredido pelos guardas que, com uma parcialidade revoltante, consideram não somente que agrediram

sem o preso, mas ainda derribaram o nosso camarada no chão, para dentro de uma masmorra às escaras!

O acto do filho, mesmo sem o pai ter razão, ainda se pode desculpar, mas que se não pode desculpar é o facto da guarda consentir que ele agredisse um preso confiado à sua guarda, deixando de mais a mais o agressor em liberdade!

O que se não teria passado, se invéssemos os casos! Ainda acrescentemos que o nosso camarada não foi tratado dentro da prisão da guarda republicana, com aquele rudimentar respeito que, mesmo em Marrocos, é sempre dispensado a todos os presos; de mais a mais tratou-se de um operário honesto e trabalhador, que a toda a gente merece mais respeito do que a maioria daqueles que a guarda defende.

De resto é preciso que a s.ª guarda se compenetre de que o Estado lhe paga a complicitade das autoridades, enche o barracão, como se enche um circo de amêdoas, vários dos espectadores foram de ficar de pé, enchendo quasi todas as coxias. Ao entrar o sr. Quintanilha, ao mesmo tempo que dizia: "Deixem-me entrar", ia empurrando os que se encontravam de pé, vindo a lita. Ora, um dos empurrados foi o nosso camarada, que com sua esposa ali se encontrava. Revoltado com a pouca delicadeza do sr. Quintanilha, disse-lhe que fosse mais delicado. Foi quando bastou para este senhor dar duas bofetadas no nosso camarada, dando lugar a que este se defendesse com um soco que lhe partiu os olhos, ferindo-o num dos olhos.

